



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

## **MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE**

### **AFINAL, ONDE ESTAMOS?**

PEREIRA, Otaviano  
Doutor em Educação e professor do quadro  
permanente do Mestrado em Educação da  
UNIUBE. Autor de várias obras, entre elas,  
O descobridor do Brasil – romance sobre a  
educação e o destino da escola, pela Editora  
da Universidade Federal de  
Rondônia/EDUFRO.  
[otaviano.pereira@uniube.br](mailto:otaviano.pereira@uniube.br)

"Como ficou chato ser moderno".  
(Carlos Drummond de Andrade)



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Há algum tempo temos percebido uma proliferação de termos que, aos poucos, vão entrando em nosso linguajar acadêmico e extra-acadêmico a respeito de nosso tempo: modernidade (e modernismo), ultra-modernidade, neo-modernidade (e pós-modernismo)...

Afinal, que salada é essa?

O autor Stanley J. Grenz afirma, com certo despudor nas palavras: "O pós-modernismo nasceu em St. Louis, Missouri, no dia 15 de julho de 1972 às 15 horas e 32 minutos", referindo-se ao projeto de moradia de Pruitt-Igoe, de St. Louis, antes saudado como o marco da arquitetura moderna. Segundo o autor em foco o prédio "... representava o epítome da própria modernidade. Acontece que fora implodido naquela fatídica tarde e esse evento passou a simbolizar ..." a morte da modernidade e o nascimento da pósmodernidade" (Grenz, 1997 : 29).

Quando o autor determina ano, dia, hora e minuto para o corte abrupto de uma era, na verdade está fazendo uma blague, uma autogozação intelectual, que revela o próprio espírito pós-moderno, ou seja, o de reação a uma lógica de corte, recorte, medição, fragmentação, divisão... que marcou a modernidade. Em outras palavras, a pósmodernidade ao invés de ser mais uma divisão de um novo tempo, um novo "ismo" em tantos movimentos literários, artísticos ou filosóficos é a desmontagem desse seqüencialismo tão "didático" da compreensão da História. Nota-se, por trás dessa reação espirituosa, um certo cansaço aliado à necessidade de aliviar os pesados fardos das costas, depositá-los à beira da estrada e relaxar um pouco. Não se trata, contudo, de pura irresponsabilidade, de recusa da viagem, até porque, a hermenêutica da pós-



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

modernidade supõe uma tarefa intelectual de enorme envergadura que nem todos ainda perceberam, marcados que estão por uma compreensível reação de primeira hora.

Bem, à margem dessa referência bem humorada do autor, onde se situam as origens da pos-modernidade, já que estamos falando em época histórica?

Podemos encontrá-la num movimento cultural de efeito poderoso como o de um tufão que veio destelhando o que encontrava pela frente e produzir estes dois substantivos: pósmodernismo ou pós-modernidade, ou, com mais propriedade, a adjetivação em torno dos fatos: (espírito) pós-moderno. Cumpre, então, recuar à Arquitetura dos anos 50, que tentou dar leveza de traçados aos pesados edifícios urbanos, - Brasília, em que pese ser vista como uma capital "moderna" já manifesta muito dessa tendência – ao movimento cultural dos anos 60, que culminaram no emblemático ano de 68, com um desejo de quebra de paradigmas estampado à flor da pele, injetado pelo rock' n roll, pela pílula anticoncepcional, pelos primeiros efeitos da revolução feminina, e pelo anúncio, no campo das ciências esotéricas, da chamada Era de Aquário, por Alice Blay, em 1972, para o início do III milênio, como uma era da "supremacia da intuição sobre a razão", do feminino sobre o masculino, do coletivo sobre o individual, do holístico, etc., e, finalmente, um movimento filosófico que floresce, sobretudo na França. Como se vê, já temos quase meio século de gestação histórica desta era que ainda se apresenta como uma massa informe de acontecimentos e novos significados, uma era sob suspeita, assustadora nalguns aspectos, prometéica noutros, como acontece nos rituais de passagem dos grandes momentos históricos. Sem querer cair no absurdo das comparações de épocas, estamos dentro de um período histórico parecido com o da Renascença, de profunda virada de mesa, que revolve algo mais complicado: a cosmovisão de uma época.

Buscando avançar um pouco mais na compreensão, ainda que apressada e um tanto "didática", deste momento, é possível dividi-lo em dois eixos: a) a pós-



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

modernidade como estilo de vida, produto do capitalismo ultra-avançado, ultramoderno ou, como se diz agora, global e b) a pós-modernidade como expressão do fim da modernidade e enquanto reação a ela. Essa dupla divisão determina, a nosso ver, duas correntes de interpretação do epifenômeno da pós-modernidade.

Por um lado, os pensadores de estirpe alemã, principalmente os afeitos à chamada Teoria Crítica, originários da Escola de Frankfurt, desde os anos 20, e, sobretudo em seus desdobramentos posteriores à Grande Guerra – após Freud, a psicanálise do nazifascismo, da sociedade industrial, os desdobramentos do marxismo, etc. Foi uma escola que produziu três gerações de grandes intérpretes dos acontecimentos recentes Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse, Habermas, Apel, entre outros. Estes autores, afeitos à revisão do projeto iluminista da modernidade, não advogam o seu fim, mas o seu desdobramento, no que chamam de uma neomodernidade centrada em novo paradigma de ação do sujeito, sem abrir mãos do veio mais precioso para eles: a universalidade da razão.

Por outro lado, uma linhagem francesa, desde que Jean-François Lyotard tomou emprestado o termo pós-modernidade da Arquitetura e da Crítica de arte e o trouxe para dentro da Filosofia. Trouxe para a Filosofia o que não é propriamente da Filosofia, mas se aloja em suas fronteiras, noutros campos do saber, como a Crítica Literária, a nova Psicanálise, a nova História, etc. Os principais pilares da interpretação pós-moderna são: Foucault, Derrida, Rorty, acompanhados por uma cada vez maior número de seguidores ou comentadores. Estes autores "desterritorializam" seus temas de dentro de uma universalidade da razão (moderna) que, para eles, não compreende mais os fenômenos da cultura, da crise do sujeito e da sociedade. Vejamos um pouco mais por dentro as razões desse produtivo conflito de interpretações para o efeito de compreensão da pósmodernidade.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Para compreendermos a "pós" da modernidade, devemos entender, pelo menos em traços gerais, o que determinou a modernidade para ser entendida enquanto tal. Recorrendo às origens etimológicas, latinas, ser moderno significa estar conforme o "modus" de um tempo.

Contudo, esta expressão permaneceu por demais impregnado em nossa mente, de forma que, afirmar que algo é "moderno" passou a significar que algo é atual, isto é, não é antiquado; às vezes algo extremamente conservador em sua concepção e realização aparece como "moderno".

Do ponto de vista histórico, a Modernidade – aqui com M maiúsculo - significa um curto espaço de cinco séculos, preparado por dois séculos anteriores, que determinou a saída da Europa de seus domínios para a busca do Novo Mundo, após o esgotamento das riquezas comerciais do Mediterrâneo, tendo como ato decisivo a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, a necessidade dos países então hegemônicos articular as chamadas grandes navegações, o esgotamento da Igreja como Estado, passando da ação à reação, na Contra-reforma... enfim, tudo aquilo que sabemos, de cor e salteado, pelo recorte convencional apresentado pelos compêndios de História.

Como desdobramento de suas origens, a Modernidade é apresentada como um conjunto de revoluções em vários campos: no campo da cultura, a revolução antropocêntrica, no campo religioso o secularismo, no campo político, a revolução burguesa, a criação dos estados nacionais e a entrada para a era da democracia, no campo da educação a entrada para a era do saber universal por vias da universalização da escola nos países geradores de influência cultural, no campo da comunicação a democratização da mensagem pela imprensa, pela multiplicação do livro, pelo jornal... e, principalmente, no campo da revolução produtiva, a era do capital e sua avassaladora capacidade de revolver as relações humanas, gerar contraditoriamente riqueza e



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

excludência e produzir inclusive conhecimento, tanto o que lhe interessa como o que questiona sua natureza e seus valores.

Por conseguinte, a revolução no campo do trabalho e sua expressão fabril e tailorista. Por fim, no campo da Filosofia, como base de sua sustentação teórica, a revolução do pensamento e sua crescente fragmentação, tendo como ponto de partida o racionalismo.

No campo das Ciência Moderna, a tomada de posse da natureza por um sujeito que buscou conhecê-la com o intuito de dominá-la, pela idéia e até certa obsessão pelo progresso, que hoje põe a humanidade em alerta. Em outras palavras, a Modernidade tornou-se uma autêntica produtora de paradigmas (de revoluções situadas) dentro do próprio paradigma moderno.

Uma só palavra, contudo, pode significar a grande síntese da revolução moderna: a razão.

Se a entrada na "idade da razão" pôde resumir o que esta era significou, ela também está espelhando sua crise. A crise da modernidade é a crise da razão, mas não de toda razão, de uma razão a que ela depositou toda sua crença. A modernidade, que fora "cartesiana" em sua origem não consegue mais ser cartesiana em sua continuidade. Esta constatação significa um apelo sem precedentes aos filósofos intérpretes da modernidade. Aí, é natural, um conflito de interpretações se instala, no momento em que nem sempre percebemos que ter de abrir mão de uma (etapa da) razão significa abrir mãos de toda a razão. É por isso que a pós-modernidade está sendo chamada por alguns de era do irracionalismo ou de uma "noite passageira da História" como quer o pensador Helmut Thielen. (1998 : 75ss)

Como esmiuçar este duplo significado de razão, para que a pós-modernidade seja algo, se não aceitável, pelo menos compreensível?



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Quando falamos em razão, referimo-nos em sua dupla função: a razão que fundamenta, e a razão que interpreta. Ora, a razão que fundamenta, não dá conta, para todo e sempre, do conteúdo que expressa. Não significa que não haja valores universais a ser buscados, mas que aos valores universais novos ingredientes de interpretação se apresentam. Na entrada da Modernidade, tida como era da razão, tínhamos um "estoque de razão" que substancializava as interpretações possíveis de uma época. Assim, fizemos um revolução ainda calcada numa cosmovisão de época hoje tida como "imperfeita", pois assim é a marcha da História. Por exemplo, toda leitura de mundo na passagem para a Modernidade e na sua constituição deu-se no marco de uma razão europeia, branca, masculina, excludente e, em muitos aspectos, ainda dogmática. A razão que fundamentou a revolução moderna margeou-se em determinado "território". Por exemplo, não havia ainda a possibilidade de propor a revolução feminina na Modernidade, a revolução do corpo que ora se apresenta. Não se nega o fato de que, na construção da Modernidade, a razão deu conta de uma revolução possível, tanto é que construiu (fundamentou) paradigmas. Num espectro histórico mais abrangente, é como se tivéssemos um arco da modernidade, e sua revolução racionalista, dentro de um arco mais abrangente, o da própria civilização que moldou esta herança da razão com as características aqui descritas. O arco da civilização cristã-ocidental também está em declínio - o de uma cultura patriarcal, de uma Igreja masculina, de um instinto de morte, criador da própria cultura, como necessidade de preservação e hegemonia, etc. - e dentro desse arco, a Modernidade agônica.

Acontece que nenhuma revolução da razão é para todo e sempre e nem as coisas andam em linha reta, mas em espiral. Quando o racionalismo de uma era se impôs, outras formas de expressão da subjetividade permaneceram como que "incubadas", por exemplo, a capacidade intuitiva - aliás, uma expressão da presença feminina, hoje, contra uma revolução de um sujeito masculino em sua essência. O que acontece hoje é



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

que há o grito de uma razão que interpreta - e é a isto que é chamada a realizar como tarefa humana – ponto em choque e em cheque uma razão que fundamenta.

No sentido aqui posto, desses dois arcos em declínio, o que está sendo chamado de pósmodernidade, mais do que isto é a era de uma "pós-civilização cristã-ocidental" que ora se globaliza por força do próprio impulso civilizador do ocidente, rumo à era agora tida como global, naquilo que Serge Latouche chamou de "ocidentalização do mundo". Assim, a pósmodernidade é expressão de um certo "cansaço" da modernidade e de todo seu racionalismo, sua forma de organização, das regras de suas instituições, enfim, de seu grande impulso de morte. Foi por isso que dissemos no início, que estamos descendo os pesados fardos dos ombros. Há um ritmo de vida que se acelerou, que nos exige uma produção de ações e reações, uma atenção permanente, que não estamos dando conta.

Aquele sujeito moderno, criador e gerador de mudanças, hoje fechado nos cubículos de seu individualismo. Se dissemos que estamos na era da crise do sujeito, daquele sujeito moderno senhor de tudo, criador de situações, novas, de mudanças significativas, é porque estamos experimentando seus limites ou sua própria impotência.

A reação à modernidade, contudo, às vezes é espontânea e nem sempre vem carregada de uma clareza, pois não é, produto de um novo racionalismo de um sujeito, como o fora na modernidade, por exemplo, a burguesia que reivindicava seu espaço político. Porque estamos no limiar de um novo sujeito, vale dizer, na emergência do sujeito coletivo, diante de novas linguagens, novos apelos, novas estratégias de resistência e ação coletiva na humanidade, trata-se de algo imiscuído do desejo de reagir como ação do sujeito, mas não só como expressão de sua vontade, - que na era de sua impotência recairia no voluntarismo inoperante – mas de seu imaginário, suas "múltiplas inteligências", sua capacidade intuitiva, sua nova corporeidade, etc. Há relações profundamente diferenciadas em conflito, na vida urbana, por exemplo, na





Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

crise da cultura, que se mistura à indústria do entretenimento, e tantos outros campos de ação, que implicam numa nova subjetividade em construção, às vezes de difícil compreensão, pois o que ainda está em jogo não pode ser simplesmente metrificado. O corpo, por exemplo, está pedindo espaço, porque foi reprimido há muitos séculos, a revolução feminina já pode ser vista, pelo menos como uma das principais da História; aqui e acolá pululam questões não só de gênero como de sexualidade, minorias, raças, etc, sendo postas e com uma profundidade tamanha que aponta para um paradigma que os limites de uma razão moderna não pôde fundamentar, e que, como a tarefa da razão em era pós-moderna, tem de interpretar. Se há uma razão que interpreta em jogo, é porque há uma nova subjetividade em jogo, um sujeito coletivo em jogo, etc. Se há novos jogos de linguagem é porque aparecem novas estratégias de construção da existência humana e social. Não se trata, portanto, de pôr a razão abaixo, mas de abrir novos caminhos de interpretação como tarefa da própria razão, na consciência de seus limites históricos, e os limites da razão apontam para os limites do próprio homem, uma que está (sempre) em jogo sua capacidade emancipatória.

Para efeito de um resumo dos traços marcantes da pós-modernidade, temos:

a) Como estilo de vida: inclusão da corporeidade; anúncio da visão holística da sociedade do futuro e da produção do conhecimento - novo paradigma de ciência aí inscrito em profundo diálogo, por exemplo, com as religiões; implosão das metanarrativas grandiloquentes da modernidade e seus conceitos básicos: Estado, classe social, trabalho, masculinidade, sexualidade, etc; crise da instituições de sustento do paradigma anterior: família, moral, etc; quebra dos valores "eternos" da civilização em declínio; deserção dos valores da "alta cultura" iluminista, cedendo a outras formas de manifestação cultural antes soterradas – a cultura afro, por exemplo; quebra da lógica da atuação revolucionária do antigo sujeito de classes (revolução molar) em prol de outro paradigma revolucionário (revolução molecular) no campo do desejo; aparecimento de



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

novas linguagens em todos os âmbitos de ação e das relações humanas – por exemplo, no âmbito de uma nova e global urbanidade: o que significa, por exemplo, a presença de um shopping center hoje em nossas vidas e em nosso cotidiano; inclusão das diferenças, antes negadas ou ocultas, no movimento das chamadas minorias como espaços do novo sujeito coletivo e suas formas moleculares de revolução; inclusão do conhecimento em rede – computador, Internet, etc – como fator irreversível; inclusão do mercado como vetor das relações sociais, e outros traços.

b) Como estilo de vida: perda do fundamento - crise da razão e vazio ontológico – que repercute na ética; impossibilidade (provisória) de engendrar valores duradouros; heteronomia ao mercado como necessidade mas também como "miragem e ilusão" – o mercado "senhor de tudo"; submissão aos ditames da publicidade e emergência da cultura de massas impondo uma homogeneidade, ou "pasteurização" da cultura como mero entretenimento – o lugar ocupado pelas programações de TV, por exemplo; dissolução do sentido de História que se reflete numa visível "desmemorialização" principalmente das gerações mais jovens; crise mundial da educação em processo de profunda mudança mas em estado de "descrença geral" sobre seus reais efeitos; crise da fé no progresso ilimitado – tanto progresso para quê?; fim da crença nas cosmovisões – devido à crise das metanarrativas; implosão do sujeito moderno – o da revolução molecular; narcisismo e hedonismo exacerbados; corpolatria - por exemplo, na febre de "malhações" em academias; necessidade de viver o belo (nova estética); atendimento às necessidades de cada um como expressão do individualismo e do relativismo ético: minha liberdade termina onde começa a sua e vice-versa, como se ouve, alhures; emergência da "psi" como sucedâneo da fé necessidade de absorção de uma literatura de auto-ajuda - expressão do sentimento de abandono do sujeito, antes senhor de suas ações de mudança, e tantas outras formas ou expressões.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Assim, entender a pós-modernidade supõe a leitura de uma era mais profunda que se apresenta em sua casca. Há um esgotamento do paradigma moderno em jogo, dentro do esgotamento da própria civilização e, neste duplo arco, o estiolamento dos valores que uma razão moderna dava por conta como definitivos - por exemplo, a idéia de "progresso" indefinido da Tecno-ciência dominante – é o lado da pós-modernidade como crítica da modernidade; há o cansaço de seu fardo para o homem contemporâneo, é o lado da pósmodernidade como reação "natural" ao paradigma moderno e toda sua lógica, ainda que cooptado pelo capitalismo ultramoderno. Pelo visto há ainda muita água para rolar neste conflito de interpretações.

### **Otaviano Pereira**

Doutor em Educação e professor do quadro permanente do Mestrado em Educação da UNIUBE. Autor de várias obras, entre elas, O descobridor do Brasil – romance sobre a educação e o destino da escola, pela Editora da Universidade Federal de Rondônia/EDUFRO.

[otaviano.pereira@uniube.br](mailto:otaviano.pereira@uniube.br)